

Outro futebol é possível? A invenção do “calcio popolare” e a busca por autonomia no jogar e torcer

Raphael Piva Favalli Favero

RESUMO

O artigo pretende analisar o surgimento do “calcio popolare”, prática cultural nascida na Itália em meio ao contexto de críticas ao futebol espetacularizado, que propõe e cria espaços sociais de relativa autonomia a essa matriz futebolística, por meio da fundação de equipes de futebol, organização de torneios, criação de redes de contato e comunicação próprias, articuladas ao universo da militância antifascista e de esquerda. Parto da hipótese de que o “calcio popolare” surge na esteira e da confluência de dois fenômenos: as culturas jovens, sobretudo os grupos de torcedores ultras, e o ativismo contemporâneo. Entendo também que este fenômeno surge da percepção de esgotamento do espaço social no futebol espetacularizado. Apesar da pesquisa se delimitar ao caso italiano, existem uma série de práticas similares e conectadas ao redor do mundo voltadas para a construção de identidades e em oposição a um mundo social crescentemente normatizado pelo Estado e mercado.

INTRODUÇÃO

O “calcio popolare”¹ nasce na Itália em meio ao contexto de críticas ao universo do futebol espetacularizado (Damo: 2005), propondo e criando espaços de relativa autonomia a essa matriz futebolística, por meio da fundação de equipes de futebol, organização de torneios, criação de redes de contato e comunicação próprias, articuladas ao universo da militância antifascista e dos grupos da esquerda. Formados a partir dos anos 2000, em diferentes cidades da Itália, estes clubes² estabelecem como princípio a ideia de restaurar o caráter popular e participativo do futebol, que em seu discurso, aparece como algo perdido por conta de um processo que teria transformado os valores do esporte em um negócio.

Essas equipes constroem seu discurso e legitimam sua existência a partir da crítica surgida entre os ultras ao universo do futebol profissional, identificada pela palavra de ordem “não ao futebol moderno”. O “calcio popolare” aparece também como um dos desdobramentos de alguns grupos e

¹ O termo “calcio popolare” (em português “futebol popular”) foi cunhado e é utilizado pelas próprias equipes para se identificar. Neste sentido, pode ser entendido como uma categoria prática (Brenner: 2013), isto é, carregada de significados ideológicos.

² Não existe, até o momento, uma sistematização de quantas equipes de “calcio popolare” existem na Itália. A partir de levantamento realizado para esta pesquisa, foram encontradas atualmente pelo menos 20 equipes, de diversas regiões da Itália, que podem ser identificadas com a prática do “calcio popolare”.

indivíduos ultras ligados à esquerda por representar um dos novos caminhos adotados a partir dos anos 2000, quando parece se agravar uma crise no seio do universo ultra relacionados tanto a dinâmicas internas do fenômeno quanto ao cenário do futebol profissional e dos estádios.

Nesse período, parece haver a percepção, por parte desses atores, de esgotamento do espaço social dos estádios³. Essa percepção está embasada, por um lado, nas políticas repressivas e normativas implantadas no futebol profissional italiano. Por outro lado, esses grupos constroem uma avaliação conjuntural sobre as transformações em curso no futebol, que é expressa em um Manifesto (1999)⁴, assinado por vários grupos ultras europeus. Este documento aponta a existência de um plano em curso, compactuado entre as grandes corporações da mídia, patrocinadores e as entidades gestoras do futebol profissional, que visa acentuar a exploração do potencial mercantil desse esporte – o que culminaria, segundo o documento, na substituição da figura do “torcedor militante”, no qual se identificam os ultras, por um “torcedor moderado”.

Concomitante a todo esse processo, emerge com destaque no futebol italiano, a figura de um novo ator, os jogadores estrangeiros, principalmente africanos, que passam a encarnar nos gramados o mal-estar presente na sociedade italiana à crescente onda imigratória (Florenzano: 2010). O aparecimento de símbolos neofascistas e a expressão de manifestações racistas e xenófobas, nos estádios italianos, que ganham grande repercussão durante os anos 1990 e 2000, revelam a proximidade e a conexão de alguns grupos ultras com ideologias e movimentos de extrema-direita que atuam em outros espaços da vida social (Testa e Armstrong: 2008). Em outra direção, desde a década de 1990, surgiram também iniciativas com a participação de ultras antirracistas, que procuram construir um diálogo e estreitar laços com comunidades de imigrantes.

Neste artigo, tento traçar o processo social e histórico de surgimento do “calcio popolare” e desenvolvo algumas hipóteses sobre os discursos e práticas desenvolvidas entre essas equipes. Para isso, primeiramente, entendo ser necessário pontuar algumas questões entre o universo ultra e o campo da política.

ULTRAS E POLITICA

³ O estádio, para Balestri (1998), seria um dos poucos lugares, em uma sociedade que delega a participação, que proporciona o envolvimento da pessoa como um sujeito ativo e protagonista de um ritual coletivo. De Rose (2011) relaciona o espaço das arquibancadas e a cultura torcedora a ideia de uma “zona autônoma permanente”, inspirado na ideia de “zona autônoma temporária” de Hakim Bey.

⁴ Disponível em: <http://www.asromaultras.org/manifesto.html>

Os grupos ultras surgiram na Itália no final da década de 1960 como ponto de confluência de outros três fenômenos sociais: a autonomização da juventude; o processo de difusão social dos hooligans ingleses e de outros novos padrões e formas de sociabilidade jovem; e o cenário de radicalização política vigente na Itália da época tanto à esquerda como à direita (Florenzano: 2010). Essa polarização política se estendia a diversos campos da vida social italiana, refletindo também em áreas como os esportes e as artes. Dessa forma, o aparecimento dessas novas formas de sociabilidade jovem, dentre as quais os grupos ultras, não representavam somente novidades em termos comportamentais, como esses também eram expressões que acabavam sendo profundamente marcadas pelo contexto político da época (Balestri e Podaliri: 1998).

As expressivas greves de trabalhadores e os protestos estudantis do final da década de 1960 revelavam toda a efervescência das ruas e praças ao redor da Itália, que assistia a reunião de muitos jovens em organizações e pequenos partidos de esquerda. A força do imaginário da esquerda na época era tal que, segundo pesquisa conduzida pela revista Panorama em 1975 mais de 86% dos jovens da Itália se declaravam simpatizantes a correntes políticas correlacionadas ao campo da esquerda (Testa: 2009). Dessa forma, esses grupos detinham o controle simbólico de espaços onde floresciam as novas formas de sociabilidade jovem.

Esse ambiente refletia nas arquibancadas e nas movimentações dos novos grupos que se reuniam nos estádios de futebol. Além da contiguidade entre torcedores que participavam de manifestações e de grupos políticos, a influência que as ruas e praças exerciam sobre as torcidas podia ser vista em diferentes aspectos que compunham esses agrupamentos. Desde a escolha do nome dos grupos ao modelo de estrutura organizacional, passando pelos critérios de estabelecimento de alianças entre grupos de diferentes equipes, até a transposição de práticas e ícones do universo das manifestações de rua para as arquibancadas, todos esses elementos sofriam forte influência da linguagem política da época (Balestri e Podaliri: 1998; De Rose: 2011)⁵.

Nas décadas posteriores, o fenômeno ultras se espalhou por toda a Itália e Europa, incluindo nas divisões mais baixas do futebol, atraindo jovens e tornando-se um poderoso veículo de identidade. Os torcedores ultras consolidaram-se como um ator participativo no universo do futebol, redefinindo um papel possível às torcidas ao passar de coadjuvante a protagonista no espetáculo esportivo. Seja por meio dos cantos incessantes durante a partida e pela criação de manifestações lúdicas e

⁵ Embora a esquerda fosse um referencial e diversos elementos de seu universo transbordasse para as arquibancadas, a época não assistiu a campanhas de recrutamento político e de uma estratégia mais sistemática para dentro dos estádios. Grupos da direita, por outro lado, com pouquíssima inserção nas ruas e praças, viram nos estádios uma boa oportunidade para arregimentar torcedores para seus quadros, e trabalharam de forma mais concisa para isso (Balestri e Podaliri: 1998).

reivindicativas nos estádios, seja pelo enfrentamento físico contra grupos rivais e forças do estado, esses torcedores estabeleceram padrões de conduta que obedeciam a uma dinâmica própria, com autonomia ao que acontecia dentro do campo de jogo. As reuniões semanais para a organização de coreografias nos estádios, o planejamento para realizar viagens para acompanhar o time em outras localidades, ou seja, a partilha de um plano coletivo denotava uma estrutura complexa com uma variedade de atividades que extrapolavam a condição de torcedor como uma identidade delimitada a uma temporalidade específica, o momento do jogo, para tornar-se propriamente um estilo de vida (Toledo: 1996).

Na década de 1980, o fenômeno ultra italiano passa por transformações internas que, junto às mudanças na sociedade italiana, o colocavam diante de outro cenário. A sofisticação no exercício da violência⁶ e o gradativo aumento no número de ocorrências⁷ aparecem no mesmo momento de refluxo dos movimentos sociais e em que os jovens demonstram desafeição a engajamentos políticos e sociais. Surgem então, pequenos grupos⁸, formados majoritariamente por jovens de 14 a 16 anos, que começam a ocupar espaço nas arquibancadas italianas e a estabelecer os seus próprios alicerces morais e de conduta, ignorando os anteriormente construídos pelas primeiras gerações de torcedores. As arquibancadas, então, com a perda de controle e hegemonia por parte dos primeiros grandes grupos, apresentavam-se fragmentadas em diversos pequenos grupos, representando um esboço da realidade social italiana mais ampla (Balestri e Podaliri: 1998).

Com a desintegração dos espaços de associação e socialização fora dos estádios, a resignificação da ideia da curva como um “espaço livre” para a de um “pequeno país”, com uma forte presença de sentimentos de orgulho local e de manifestações de rixas regionais, e com a mudança de paradigma em relação à violência, estaria formada a base que sustentaria um terreno fértil para grupos e manifestações de extrema direita, racistas e xenófobas (*op. cit.*).

Em 1995, o assassinato de um jovem ultra do Genova, morto a facadas por um torcedor do Milan, representou um marco importante que teve efeitos em diversos aspectos na trajetória do fenômeno ultra. Uma semana após a tragédia, que teve enorme repercussão entre a opinião pública, os ultras convocaram um encontro, algo até então inédito, entre grupos de todo país para discutir os rumos do

⁶ Segundo Balestri e Podaliri(1998) e Roversi e Balestri(2000), em uma primeira fase do fenômeno, a esfera política também influía no exercício da violência entre os ultras, vista mais como um instrumento para se chegar a determinado fim.

⁷ Ver tabela (Roversi e Balestri: 2000).

⁸ Segundo Balestri e Podaliri(1998) os nomes desses novos grupos demonstravam novas inspirações e aspirações em relação as gerações anteriores, saindo do campo político e abrindo caminho para referências ao “álcool”, as “drogas” e a uma cultura hedonista. Um símbolo dessa transformação é o aparecimento do personagem Alex, de “A Laranja Mecânica”, substituindo a imagem de Che Guevara em estádios ao redor da Itália.

movimento. O encontro explicitou as diferenças entre as torcidas, que iam desde divergências quanto às simpatias e filiações políticas⁹ até as formas de financiamento do grupo e de se relacionar com a diretoria de seus clubes (Roversi e Balestri: 2000). Apesar disso, foi produzido um comunicado, assinado pelos grupos (De Rose: 2011), que buscava estabelecer os limites aceitáveis para o exercício da violência entre os ultras.

As repressões que os ultras enfrentavam, já desde a década de 1980, junto às transformações que acentuavam o caráter mercantil¹⁰ do futebol, começavam a partir de então a serem debatidas em conjunto, o que se apresentava como um ensaio a possíveis pontos de convergência em um movimento tão heterogêneo, o que se confirmaria futuramente com ações compartilhadas que dariam aos ultras a conotação de um movimento de resistência. No que tange a violência, de forma geral, após esse encontro o número de enfrentamentos entre grupos rivais diminuiu, enquanto cresceu o número de enfrentamentos com a polícia (Roversi e Balestri: 2000; De Rose 2011; Testa: 2009). Apesar dos inimigos em comum, a repressão e o “futebol moderno”, e de situações pontuais permitirem algum tipo de ação comum, existiram, durante os anos 1990 e 2000, por parte dos ultras ligados à esquerda, iniciativas que visavam pontuar as diferenças internas do movimento e combater o racismo e o fascismo nos estádios. No começo dos anos 2000, surge por iniciativa da curva do Livorno a “Fronte di Resistenza Ultras”, uma rede que reunia diversos grupos¹¹ que propunham uma atuação militante nos estádios contra o que enxergavam como um processo em curso de “fascistização” do fenômeno ultras. Em seu manifesto oficial, a rede declara que “não são e não serão mais solidários a nenhum grupo neofascista” e que “seu aniquilamento é o nosso objetivo” (De Rose: 2011). O manifesto ainda convoca todos os “rapazes vistos trajando indumentárias de grupos ultras de toda a Europa nas manifestações contra o encontro do g8 em Genova”, em 2001, a se unirem na luta de todos os domingos contra o fascismo.

Os fatos de 1995 marcaram também o início de uma aproximação mais sistemática dos grupos ultras ligados à esquerda a outros atores sociais e com atividades que extrapolavam os limites do futebol espetacularizado (Damo: 2005). É nesse contexto que surge o Mondiali Antirazzisti, evento organizado pelo Progetto Ulrà (1995), que reúne, anualmente, desde 1997, grupos ultras europeus, comunidades imigrantes e organizações sociais e políticas de diferentes atuações em um festival no

⁹ Entre esses havia grupos ligados à direita e a manifestações racistas e um número muito menor de grupos que se assumiam de esquerda (Roversi e Balestri: 2000).

¹⁰ É de 1996 a lei que sanciona o lucro para os clubes de futebol italianos (Balestri: 1998).

¹¹ Grupos ligados a clubes como Ancona, Ternana, Cosenza, Caserta, Modena, Venezia, Sankt Pauli, Aek Atenas, Olympique de Marseille.

formato de um grande fórum que congrega torneios¹² de vários esportes e diversas atividades político-culturais. O Mondiali Antirazzisti serviu como ponto de partida para outras ações, inspirando diversos participantes a criarem um modelo semelhante, de integração sócio-política via esporte, adaptado a especificidades locais, que se espalhou posteriormente pra outras territorialidades (Sterchele e Saint-Blancat: 2013).

ESTÁDIOS E CONTROLE SOCIAL

Na segunda metade dos anos 1980, sob o pano de fundo da realização da Copa do Mundo de 1990, os estádios italianos passaram por reestruturações que visavam atender, sobretudo, a demanda por garantias de segurança e a substituição de estruturas envelhecidas (Balestri: 1998). Nesse período, as principais mudanças nos estádios italianos foram a instalação de assentos, por recomendação da FIFA¹³, e de câmeras de vigilância (Roversi e Balestri: 2000), além de um aumento no preço dos ingressos¹⁴. Em paralelo a esse processo, o futebol italiano assistia também ao rápido avanço de novas estratégias comerciais conectadas ao esporte, junto ao progressivo aumento de influência da televisão sobre o jogo.

Em 1989, depois de escalada na violência envolvendo ultras, é aprovada na Itália a principal lei que trata da violência nos eventos esportivos, que prevê, entre outras coisas, o banimento de envolvidos em casos de violência nos estádios. Essa medida jurídica sofre importantes reajustes em 2001, 2003, 2006 e 2008¹⁵, que incrementam seu caráter preventivo e anticonstitucional (De Rose: 2011).

A escalada dos aparatos jurídicos e repressivos impactou em uma crescente militarização (Roversi e Balestri: 2000) dos estádios, que recebiam um contingente cada vez maior de policiais e de operações especiais, tanto em seu interior quanto nos arredores e em outros pontos da cidade (Guschwan: 2013). Apoiada na legislação que declara qualquer evento esportivo como uma situação de emergência, a polícia ganhou a precedência jurídica necessária para agir sem mandato ou sem qualquer freio (Roversi e Balestri: 2000).

Tudo isso refletiu diretamente nos hábitos e práticas dos torcedores. A partir de 2006, todas as bandeiras e faixas deveriam passar pelo crivo policial, ficando ao seu cargo a permissão para entrar

¹² Preconiza-se uma interpretação esportiva mais lúdica, fluida, e menos competitiva, com uma série de incentivos que vão nessa direção (jogos mistos, intergeracionais, sem juiz, flexibilização em relação aos uniformes, possibilidade em atuar por diferentes equipes).

¹³ O que, no entanto, não alterou a possibilidade de se assistir os jogos de pé.

¹⁴ Aumento de quase 50% entre as temporadas 1985/1986 e 1990/1991 (Balestri: 1998).

¹⁵ As medidas dão máximo poder de ação e decisão a polícia e ignoram a presunção de inocência (De Rose: 2011). As ampliações de 2008 tem relação direta com a morte do policial Filippo Raciti, em 2 de fevereiro de 2007, ao final do clássico siciliano entre Catania e Palermo. Para maiores informações sobre a lei consultar: <http://www.studiolegalecontucci.it/daspo.html>

no estádio com esses e outros materiais (Guschwan: 2013). No ano seguinte, a autorização para a entrada nos estádios desses materiais passaria a ser feita por fax, sete dias antes da partida, e a exposição ou o uso, no caso de artefatos pirotécnicos, de materiais não autorizados, poderia acarretar no banimento dos torcedores seguindo a lei em vigência.

Na esteira desse processo, durante a temporada 2009/2010, é implementado no futebol italiano a “Tessera del Tifoso” (cartão do torcedor), uma nova tática posta em prática pelo Ministério do Interior da Itália, que sintetiza e condensa os dois aspectos mais odiados pelos ultras: a repressão e a comercialização do futebol (*op.cit.*).

A “Tessera del Tifoso” foi anunciada como um privilégio para os torcedores, que poderiam além de adquirir ingressos, usa-lo como cartão de crédito vinculado ao banco e obter recompensas especiais a serem estipuladas por seus clubes. A gradativa implementação dessa novidade, que de início tornava o cartão obrigatório somente para adentrar nos setores de visitante dos estádios, é atualmente um dos tópicos que mais mobiliza os ultras de todas as regiões da Itália e de divergentes posicionamentos políticos. Se um dos implícitos do cartão é a redução e relocação de toda a densidade e multiplicidade de significados do ser torcedor para o universalismo do consumo (Toledo: 2000; Toledo 2012), a medida se coloca também como mais um instrumento de controle de torcedores a serviço de um aparato jurídico e repressivo assentado em presunções anticonstitucionais e de supressão de direitos civis básicos.

Nesse curso crescente que combina normatização, criminalização e comercialização na esfera futebolística, parece sintomática a decisão de muitos indivíduos e grupos ultras, entre outros, ligados ao campo da esquerda, de “abandonar as curvas em busca de outros territórios de luta” (De Rose: 2011). Isso já acontece desde a década de 1980 (Balestri e Podaliri: 1998) e parece ter maior ocorrência conforme avançam os cerceamentos aos torcedores e as cifras que rondam o espetáculo futebolístico.

CALCIO POPOLARE

É diante desse panorama que começam a surgir, então, em cidades ao redor da Itália, equipes de futebol e diversas iniciativas, fundadas e colocadas em prática por indivíduos e grupos ligados a centros sociais autogeridos¹⁶, grupos políticos da esquerda, ultras, comunidades de imigrante e

¹⁶Segundo Day (2005), os centros sociais emergiram na Itália, na década de 1970, na esteira da formação dos conselhos de bairros a fim de suprir serviços sociais inexistentes, como escolas e bibliotecas, por meio da ocupação de imóveis em desuso. Foi também uma

estudantes, que orientam seu discurso e práticas em oposição ao “futebol moderno” e a diferentes formas de discriminação. A composição desses grupos lhes confere especificidades e por esta razão, pode-se apontar certa heterogeneidade entre as equipes. No entanto, elas encontram unidade ao eleger como “outros”, o “futebol moderno” e o “racismo”, que servem de base de referência à construção da sua existência e identidade. Esse aspecto fica claro no discurso das equipes sobre sua história, que é constantemente afirmada em seus símbolos.

Este é o caso do “Brutium Cosenza”, time fundado, em 2011, pelo grupo “Curva Nord Cosenza Ultras”, que anunciou em seu primeiro comunicado oficial¹⁷ a decisão de abandonar as arquibancadas nos jogos do Cosenza Calcio 1914, equipe profissional da cidade, para fundar sua própria associação esportiva que, desde então, disputa a liga amadora oficial de sua região. O grupo alega que depois da decisão de não viajar mais para acompanhar a equipe profissional de Cosenza, como uma forma de protesto contra a “Tessera del Tifoso”, decidiram se afastar definitivamente do “futebol moderno”, embora, ainda, de forma ambígua, no mesmo comunicado, procurem manter intacta a sua identidade de grupo ultra do Cosenza Calcio 1914, anunciando que continuarão sempre torcedores e ultras da primeira equipe da cidade, defendendo as suas cores fora dos estádios. O símbolo escolhido para representar a nova agremiação é emblemático, neste sentido: um lobo, mascote do Cosenza Calcio 1914, mordendo uma bola de futebol “moderna”, descrito, pelo manifesto, como “a foto perfeita de nosso protesto”.

Nos discursos destas equipes, também é possível notar a construção da ideia de “futebol popular”, como no manifesto do Ardita San Paolo, equipe fundada em Roma no ano de 2011: “A nossa aventura quer desenterrar a verdadeira natureza do futebol e, a Ardita San Paolo, longe da lógica atual do mercado, orgulha-se de não ser uma companhia com finalidade de lucro, concretamente longe do odiado “futebol moderno”, oferecendo uma solução determinada e tangível para restituir o futebol ao seu legítimo proprietário: o povo”.

O discurso de “calcio popolare” se traduz na inclusão dos torcedores no cotidiano político desses grupos, os envolvendo diretamente em processos decisórios, formalizados no caso de algumas equipes em programas de “filiação popular”¹⁸, onde o torcedor se associa por uma pequena taxa que

forma de organização importante da esquerda italiana vinculada ao movimento operário da época, funcionando como base da militância, e que trouxe novas experiências ao cenário ativista.

¹⁷ Disponível em <http://brutiumcosenza.wordpress.com/>

¹⁸ Algumas dessas equipes possuem patrocínio de pequenos comércios de seus bairros e alguns desses programas de filiação concedem também determinados benefícios comerciais aos afiliados frente a esses estabelecimentos. Isso abre um campo interessante de pesquisa sobre as aproximações, diferenças e ambiguidades desses programas em relação aos programas de sócio-torcedores das equipes profissionais de futebol.

é revertida para a manutenção da equipe e participa de reuniões, assembleias e outros eventos da política interna do clube. A vida esportiva dessas equipes equilibra-se tanto na disputa de torneios amadores vinculados a federação italiana de futebol, quanto na organização e participação em torneios de caráter mais integrativo, cunhados de expressão política, que surgiram ao redor da Itália influenciados pelo modelo do Mondiali Antirazzisti.

O “A.S.D Quartograd”, de Napoli, fundado em 2012, é fruto da experiência do “Torneo Antifascista e Antirazzista di Quarto”, organizado pela seção local do CARC¹⁹. Entre jogadores, torcedores e membros do corpo técnico, convivem comunistas, anarquistas, estudantes, trabalhadores, membros de associações culturais, sendo o antifascismo a única pré-condição necessária para compor a equipe.

Também a “Polisportiva Antirazzista Assata Shakur”, fundada em 2001 por ultras do Ancona e de jovens ligados à esquerda como uma academia popular, monta sua equipe de futebol após a experiência de organizar o “Mondialito Antirazzista” em Ancona, torneio nos moldes do “Mondiali Antirazzisti”, que reúne diversas comunidades imigrantes da cidade. O time, inscrito a partir da temporada 2011/2012 na divisão mais baixa da liga amadora oficial, conta com atletas de múltiplas origens ao ponto de coexistirem um total de 13 idiomas na equipe. Durante sua trajetória, a “Polisportiva Antirazzista Assata Shakur” se deparou com uma série de exigências que os imigrantes enfrentam para poderem participar da liga amadora oficial de futebol.

Isso levou a equipe a lançar a campanha “Gioco Anch’io”²⁰, logo aderida e encampada por muitas outras equipes e grupos, que contesta essa série de restrições e imposições a imigrantes para jogarem nas instâncias amadoras oficiais da Itália. Neste contexto, foi acionada a rede mais ampla relacionada ao “calcio popolare”, que é posta em marcha cotidianamente e em diversas situações. Segundo Marco, da equipe “RFC Lions Ska Football Club” de Caserta, fundada por imigrantes senegaleses e italianos em 2011: “desde o início, nosso projeto nos levou a ‘fazer rede’ com iniciativas vizinhas²¹ de ‘calcio popolare’ e antirracista, com as quais dividimos experiências não só dentro do campo, mas participando também de manifestações, shows, debates sobre o tema do ‘calcio popolare’, do antirracismo e do antifascismo”.

A unidade identitária em torno do “calcio popolare” é, assim, posta em movimento pela articulação desses grupos em rede, possibilitando a circulação de uma série de campanhas, ideias e da própria experiência de uma vivência conjunta entre esses atores, que se encontram em torneios, reuniões e

¹⁹ Comitati di Appoggio alla Resistenza per il Comunismo, partido de orientação marxista-leninista.

²⁰ <https://polisportivassatashakur.wordpress.com/2013/07/25/gioco-anchio-ha-fatto-gol/comment-page-1/>

²¹ Associações esportivas como o Stella Rossa 2006, Afro-Napoli United, Partizan Matese e Lokomotiv Flegrea.

eventos de diferentes natureza. A categoria de “forma rede”, descrita por Azzi (2007) na análise de movimentos antiglobalização, mostrou ser um bom instrumento para compreender a forma pela qual se dão as relações entre as equipes de “calcio popolare”, referentes “àqueles tipos de ações (não só políticas) coordenadas por uma multiplicidade não-hierarquizada de atores”.

Nas formas de organização e práticas destas equipes, é possível identificar, claramente, princípios de autonomia, autogestão e novos modelos participativos. Por esta razão, minha hipótese é a de que o “calcio popolare” está inserido no campo de referências, saberes e aspirações, construído pelo movimento antiglobalização e anteriormente, pelos chamados novos movimentos sociais.

Paradigmático, nesse sentido, são os lemas motores que surgem entre essas equipes, como parodias e inspirações das palavras de ordem emergidas dos movimentos antiglobalização (Azzi: 2007): “um mundo onde caibam muitos mundos”, relacionada à valorização da multiculturalidade e a luta contra todas as formas de discriminação; “o mundo não é uma mercadoria”, vinculada à crítica a mercantilização do futebol; e “um outro mundo é possível” adaptado e exibido em faixas, slogans e manifestos como “um outro futebol é possível”.

A análise de Alonso (2009) sobre os “novos” movimentos sociais descreve a modificação desse campo político e, por isso, pode ser aplicada ao “calcio popolare”:

“Os genuinamente “novos” movimentos sociais seriam os insurgentes contra a colonização do mundo da vida, contra os papéis institucionalizados de consumidor da sociedade de mercado (...) Fariam, então, uma “política expressiva”, desvinculada de qualquer demanda por bens ou cargos políticos, e voltada para a afirmação de identidades e para a preservação da autonomia e de formas de vida sob ameaça da racionalização sistêmica levada a cabo pelo Estado e pelo mercado” (Alonso: 2009, 63).

CONCLUSÃO

O surgimento dessas equipes que se autoproclamam pertencentes ao “calcio popolare”, pode ser compreendido, assim, tanto como uma alternativa de existência dentro do universo esportivo quanto como uma forma de atuação política pelo futebol. Se, por um lado, a invenção do “calcio popolare”, construída em oposição à ideia do que entendem por “futebol moderno”, é conceitualmente imprecisa por apoiar-se em uma visão romantizada de um suposto passado popular do futebol, esse discurso serve como norte e motor para a invenção de novas práticas culturais vinculadas às produções e sociabilidades jovens em um cenário de globalização da cultura caracterizado, entre outros aspectos, pelos fluxos de ideias, ideologias e mensagens (Costa, 2006).

Dessa forma, apesar da opção do presente trabalho pelo enfoque em uma prática vinculada a uma localidade específica, no caso a Itália, os ideais e ações que norteiam e caracterizam o “calcio popolare” não se encerram apenas como uma particularidade italiana, revelando similaridades e conexões com outras práticas desenvolvidas, hoje, por diferentes grupos em diversos países, sobretudo na Europa e América do Sul (Kuhn: 2010). Assim, é possível vislumbrar a configuração e a manifestação transnacional de um “futebol alternativo”, que produz espaços, discursos e práticas que buscam se estabelecer, de alguma forma, como antagônicas à matriz do futebol espetacularizado, localizadas dentro do campo de referências e saberes dos movimentos antiglobalização e por isso, em ressonância com práticas ativistas e outras lutas.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Revista Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

AZZI, Diego A. Sujeitos e utopias nos movimentos antiglobalização. Dissertação apresentada ao PPGS-USP, 2007.

BALESTRI, Carlo. Allo stadio con il carrello? In: “Gomorra. Territori e culture della metropoli contemporanea”, Costa & Nolan, novembro 1998.

BRENNER, Neil. Theses on Urbanization. Public Culture 25: 1, 2013.

COSTA, Marcia Regina. Cultura juvenis, globalização e localidades. In: COSTA, Marcia Regina e MURILHO, Elisabeth. Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: Educ, 2006.

DAMO, Arlei. Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese no PPGAS-UFRGS, 2005.

DAY, Richard J. F. Gramsci is Dead: anarchist currents in the newest social movements. Pluto Press: Londres, 2005.

DE ROSE, Marco. Controcultura ultras: comunicazione, partecipazione, antagonismo. Coessenza, 2011.

FLORENZANO, José Paulo. A Babel do Futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul./dez. 2010.

GUSHWAN, Matthew C. La Tessera della Rivolta: Italy's failed fan identification card. *Soccer & Society*, 14:2, 215-229, 2013.

KUHN, Gabriel. *Soccer vs. the State: Tackling Football and Radical Politics*. PM Press: Oakland, 2011.

PODALIRI, C e BALESTRI, C. The ultràs, racism and football culture in Italy. In: BROWN, Adam (org.). *Fanatics! Power, identity & fandom in football*. London and New York: Routledge, 1998, p. 88 – 100.

ROVERSI, Antonio e BALESTRI, Carlo. Italian ultras today: change or decline? *European Journal on Criminal Policy and Research* 8: 183–199, 2000.

STERCHELE, Davide e SAINT-BLANCAT, Chantal. Keeping it liminal. *The Mondiali Antirazzisti as a multifocal interaction ritual*. Leisure Studies, Routhledge, 2013.

TESTA, Alberto e ARMSTRONG, Gary. Words and actions: Italian ultras and neo-fascism. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, 2008.

TESTA, Alberto. The UltraS: An Emerging Social Movement? *Review of European Studies*, vol. 1 no. 2, dezembro 2009.

TOLEDO, L. H. de. *Lógicas no futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional*. Tese apresentada ao PPGAS-USP, 2000.

_____ *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____ *Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990 – 2010*. In: Holanda, Bernardo *et all*. *A Torcida Brasileira*. Ed. 7 Letras: Rio de Janeiro, 2012.